

Um conto sobre nossa viagem pelas infinitas estações do ciclo da vida e do eterno espaço-tempo, onde o amanhã nunca veio, e o ontem nunca se foi. Um conto sobre o nascimento e a ruína. Sobre caminhos que nos mudam e crenças que nos matam. Um conto sobre o tolo que conquista o mundo.

A história começa com um maestro (Deus) conduzindo a grande massa em sua sinfonia e um homem que sai da grande massa para conhecer o mundo fora daquela bolha que vivia e que, por não fazer mais parte de um todo, agora se sente só. Este início também referencia a criação do homem que sai do barro (massa) para o mundo e ao mito da caverna de Platão, onde um filósofo sai de sua caverna cheia de ilusões em busca da verdade do mundo.

O Ato Um se passa em um hospício, o então homem prematuro se diz um viajante do tempo e é tido como um louco, é confrontado por uma serpente que o tenta a duvidar de si mesmo e de seus objetivos, mas sem sucesso. Ao final deste ato ele encontra o atual governante da terra, Deus Machina, aquele que está presente em nossas vidas por trás das telas e tem apenas um mandamento: Matar. 2018 foi um ano assustador, um homem que defendia tortura, fuzilamento, pena de morte e ditaduras estava sendo adorado por muitos como um messias, o país passava por um processo de “Desumanização” que teve grande propagação pelas redes sociais, revelando ainda sermos um país intolerante e apático à vida. É neste cenário que o viajante nos alerta de nosso terrível futuro.

O Ato Dois se passa no purgatório, um ponto intermediário entre o reino de Deus e o reino dos mortos. O Viajante se liberta de sua alcunha de louco (camisa de força), mas ainda assim, nega o mundo à sua volta ao ser confrontado novamente com a serpente. Ele sabe que a única forma de mudar o futuro é encontrando o Olho da Tempestade, um

¹ Graduando em Teatro (licenciatura) pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Fez parte do grupo de pesquisa e extensão Núcleo Lúdico, onde atuou no programa Teatro-Jogo o lúdico na arte e na educação como ator, dramaturgo e oficinairo entre os anos de 2018 e 2021. E-mail: victorpool351@gmail.com.

artefato que deu início a tudo, e após ver que mesmo depois da morte, com as esperanças perdidas, o viajante era digno e possuía uma ambição nobre e forte de fazer um mundo melhor, a Serpente lhe entrega o artefato, ele pode finalmente ver “tudo”.

No Ato Três, o viajante alcança o céu e assume o lugar vazio de Deus, reiniciando sua própria sinfonia, dando nascimento de um novo prematuro, um humano incompleto que ainda tem muito que aprender para se construir um mundo ideal.

O auto do prematuro

E do barro, Deus faz o primeiro homem, nasce prematuro, sem estar preparado para o que virá, sem saber como o mundo enfrentar.

Personagens

Homem de Branco (Deus da cena, o Diretor)

Viajante (O prematuro)

Massa (coro)

Serpente (A mudança)

Deus ex Machina (A realidade)

Ato Um: No hospício

Cena 1 - Contigo partirei

Homem de Branco de costas para Massa. A Massa desfila lentamente até ele ao som de uma ópera. O Homem de Branco é o maestro; um a um, a Massa desfalece no chão. Ao fim da música, o Homem de Branco vai embora e deixa sua mala para trás, se desprendendo de tudo que o ligava à sua criação.

*A Massa se reanima, dentro do coro uma forma é moldada. Essa forma... O Viajante, com **olhos vendados, corpo selado em uma camisa de força**, se separa, nasce, e a Massa cai no chão novamente. Ele se contorce em sua camisa de força. A Massa se arrasta para o outro lado do palco.*

O Viajante cambaleia por todos os lados.

HOMEM DE BRANCO: *(fora da cena)* Em meio à grande Massa, uma consciência se destaca, não mais coletiva, pois, agora, tem consciência de si mesmo. Não pensa mais como os outros. O Viajante saiu da caverna... ainda sendo perseguido por suas sombras.

MASSA: Viajante do tempo/cega é sua esperança/ Revele a mensagem.

VIAJANTE: Dor! Loucura/ Sem ninguém para parar/ Pessoas doentes/ sem médicos para curar/ Meu mundo chora e grita as dores do passado/ mas trago um novo começo/ o que foi perdido será encontrado/ Trago uma nova página em branco/ Joguem novamente os dados/ Caso contrário/ para o inferno estaremos condenados.

MASSA: Falas como um louco/ Viajante do tempo/ eis um homem encaixotado/ você chora/ você grita/ implora por salvação/ Viajante do tempo/ vieste ao tempo errado/ chegaste atrasado/ e agora eis um viajante encurralado.

VIAJANTE: A mensagem está entregue/ mas estejam avisados:/ vós não sois os destinatários. Posso estar só/ até mesmo encurralado/ mas minha sentença foi feita/ muito além deste mórbido passado/ e esta prisão nada mais é/ do que um tempo que se errou.

MASSA: Viajante do tempo errado/ sua loucura não levará a lugar algum/ Eis um pobre coitado/ entre loucos eis apenas mais um.

VIAJANTE: A loucura é apenas a parte visível/ das correntes que nos prendem à vontade de fazer o impossível.

Da Massa vem alguém se rastejando: A Serpente.

Cena 2 - A Serpente do mal

SERPENTE: Nobre Viajante/ liberte-se de suas correntes/ veja as mentiras que te contaram/ não vêes que o tempo mente?

MASSA: Elas são mentiras sangrentas/ feitas de sonhos quebrados/ A verdade arde/ somente para os condenados.

VIAJANTE: Eu sou a mensagem do futuro/ Eu sou o que você será quando não for ninguém/ Eu sou o que ainda serei e além/ Pois sei que as chamas radioativas desintegrarão nossas almas desta vã existência/ Em um piscar de olhos/ desumanizada será nossa essência/ Minha mensagem é mais que um aviso/ ela é um pedido de um

amigo.

SERPENTE: Carregaste essa mensagem/ mas aqui não há quem queira ouvir/ se tiveres coragem/ te digo para onde ir.

VIAJANTE: Não há caminhos a seguir/ há muros de todos os lados/ para onde quer que eu olhe/ estou sempre encurralado/ A grande Massa protege bem seus próprios pecados/ de fato é lamentável/ estão todos amedrontados/ condenados a esconder o que realmente são/ não deixando seguir em frente/ quem ouve a razão.

MASSA: Razão? (*gargalhadas*)/ Mentiras!/ Como pode o amanhã descer dos céus e nos julgar?/ Dizer que toda esperança desapareceu de nosso mundo/ pois seguimos acreditando naquilo que sabemos ser melhor/ O amanhã está distante/ e faremos tudo belo com antes/ Pior será sua revolução/ cheia de promessas cegas que não nos trazem solução.

VIAJANTE: Então apenas esperem! / Esperem pela revolução!/ Esperem pelo genocídio!/ Esperem pela nova visão!/ Talvez na morte nada lhes faltará/ talvez a vida/ nada mais possa lhes dar. Todos os caminhos que seguem levam à danação/ se querem mesmo liberdade/ ouçam a razão/ caso contrário devorados serão/ pelo olho da tempestade.

MASSA: Onde os ventos sopram/ e tudo pode mudar/ Onde você escolhe o que quer se tornar/ Torna-se, entorna-se e tornado.

VIAJANTE: Vivo o futuro novamente/ o nosso passado não mente/ Quando foi que a liberdade, se tornou algo tão banal?!/ Reivindicação das forças do mal/ O que é preciso para reinventar a dor/ transformá-la em amor/ seja como for?

MASSA: É disso que precisamos/ de alguém para amar!/ Que venha o Deus/ do céu, da água e do ar/ (Não!) /Que venha o Deus/ do sexo do fumo e da cachaça/ (Não!)/ Que venha o Deus/ da máquina, do óleo e da fumaça/ (Não!) / Que venha o único Deus que é real/ o Deus da realidade virtual!

Cena 3 – Deus ex Machina

A Massa entra, traz o Deus ex Machina e se ajoelham perante ele.

MASSA: O que é amor?/ Onde é amor?/ Quando é amor?/ Quem é amor?

O coro repete sussurrando as perguntas enquanto seu deus fala.

MACHINA: Meus sádicos fiéis/ não percebem?/ Perguntas não vão lhes mostrar/ Mate primeiro/ pergunte depois/ a regra agora é matar/ Matar!/ Matar a vontade de viver/matar qualquer forma de prazer./ Matar/ Matar você/ Matar por prazer/ matar ou morrer/ matar pra viver!

VIAJANTE: Piedade/ Senhor das máquinas/ piedade/ Sou um viajante sozinho/ sou um viajante sem caminho/ Já desisti de respostas sem solução/ vir até aqui foi em vão/ Seguirei meu caminho rumo ao olho da tempestade/ onde perdemos nossa liberdade.

MACHINA: Mesmo se sair/ nunca chegará/ mesmo que procure/ nunca encontrará/ É preciso sangue para a magia começar/ é preciso sangue para o vento lhe levar/ Por isso digo/ Matar/ Matar, se deseja mudar/ Matar/ matar para os problemas acabar/ Não importa o desafio/ a solução é matar!/ Matar a vontade de viver/ matar qualquer forma de prazer/ Matar/ Matar você/ Matar por prazer/ matar ou morrer/ matar pra viver!

O Deus ex Machina pega uma pessoa da Massa e a joga em frente ao viajante, ela cai de joelhos.

MACHINA: Um sacrifício/ combustível para engrenagens rodarem a seu favor/ faça sua escolha/ mate ou morra/ vitória ou terror.

VIAJANTE: O sangue das escolhas que fizemos/ sangram veneno no mundo que vivemos.

MACHINA: Viajante! / não tens escolha/ Tu deves matar!

VIAJANTE: Mataram todos/ Todos morreram/ mas o mal ainda cativa corações robóticos que levam o futuro ao colapso global/ Soldados de cristal marcham por areias radioativas/ Feitos de metal/ movidos pelo mal que não existe em seus corações/ pois agora em seus peitos restam apenas fiações./Fiações soldadas em ganância e raiva/ O ódio é programado/ uma reação automática ao inimigo ou aliado/ Está tudo errado!/ Matar deve ser desidealizado deste mundo acabado/ onde muros de psicoses nos transformaram em ilhas/

Tiro corta seu discurso antes de terminar, o Deus ex Machina mata o Viajante.

MACHINA: As mentiras serão verdades enquanto houver alguém para acreditar/ Seu futuro é uma mentira/ não há contra quem lutar/ exceto quem se opõe a mim/ esses irei executar.

A Massa engole o Viajante.

HOMEM DE BRANCO (*fora de cena*): Engolido pela realidade, sufocado pelas massas, o Viajante mal saiu do caminho, entrou em um mundo mesquinho, em uma viagem sem

destinos.

MACHINA: Sangue vermelho é uma ameaça neste mundo onde não há cor viva/ onde nada vive/ onde nada nasce/ Nosso sangue nunca será vermelho/ Nosso sangue sempre será... /Veneno/ Veneno para nossos inimigos vermelhos/ os quais mataremos/ Matar a vontade de viver/ matar qualquer forma de prazer/ Matar/ Matar/ Matar você/ Matar por prazer/ matar ou morrer/ matar pra viver!

O Deus ex Machina volta para a Massa.

Dança macabra da Massa e do Deus ex Machina no centro, enquanto dizem em coro: Matar/ matar/ Matar a vontade de viver/ matar qualquer forma de prazer/ Matar/ Matar Matar você/ Matar por prazer/ matar ou morrer/ matar pra viver!

Dispersando seu ritual, o sistema começa a falhar. A Massa cai no chão, seu corpo não tem vida, funciona apenas automaticamente, compondo com a próxima cena, como um cemitério de robôs quebrados, brinquedos descartados.

Ato Dois - No Purgatório

HOMEM DE BRANCO (*fora de cena*): A morte é uma porta que se abre. Para mais perto do destino final ele irá. Assim será. Por que lutar? Não custa tentar. A esperança ficou para trás, ou será um fardo que estás eternamente a carregar? A porta abre para outra realidade, onde acorda do pesadelo. Preso, escravo de um medo. O medo primordial.

Morto, o Viajante acorda no purgatório, fica louco e só.

Cena única - Luto

Acorda em um pulo, se livrando de sua camisa de força

VIAJANTE: Não!

Entra a Serpente.

SERPENTE: Você falhou.

VIAJANTE: Não!

SERPENTE: Veja todos os brinquedos à sua volta.

VIAJANTE: Não.

SERPENTE: Veja todos os brinquedos quebrados.

VIAJANTE: Não!

SERPENTE: Os brinquedos são reais.

VIAJANTE: Não.

SERPENTE: Os brinquedos foram abandonados.

VIAJANTE: Não... /Não posso acreditar/ Não sou marionete do destino/para ele assim me descartar/ Não! /Ainda posso lutar/ o olho da tempestade devo encontrar/ para... /para que haja esperança/ e o futuro poder salvar/ Minha mensagem/ tenho que levar até o fim deste caminho de espinhos vorazes/ se o destino/ ainda assim me abandonar/ tudo que me resta é lutar/ continuar/ seguir em frente/ e acreditar.

SERPENTE: Pois então lhe apresento:/ O olho da tempestade/ À sua volta/ foi aqui onde tudo começou/ Onde Deus perdeu as botas/ e depois nos abandonou/ Aquele último olhar/ quando olha para alguém que sabe/ dentro de seu coração/ que nunca mais o verá/ Um momento cristalizado em uma dimensão perdida/ e aqui você está/ Deste teu sangue ao mundo/ agora repousa no além/ E para quê?/ A tempestade está um caos de mentiras/ a vida está cheia de conflitos e intrigas/ Estais livre tolo mortal/ se libertaste do mal/ de seu paraíso abandonado... /Agora descanse/ enquanto estiver deste lado.

VIAJANTE: Não/ não posso acreditar/ não sou marionete do destino/ para ele assim me descartar/ Não.../ Ainda posso lutar!/ Tenho que tentar/ O fruto da tempestade será minha chance/ e um novo futuro surgirá por entre as estrelas do anoitecer que meus irmãos estão a olhar/ Eu posso sentir o fardo que carrego.../ não é danação/ são os sonhos daqueles que ainda virão/ daqueles que ficaram para trás/ as vontades e desejos daqueles que vieram antes de mim./ Eu posso ver/seus olhares brilhantes/ lacrimejantes com dor e sofrimento ainda sonham! /As crianças de minha era ainda estão a sonhar/ Por isso /tenho que tentar.

A Massa ecoa suas palavras, como uma fita arranhada que perde o significado de sua melodia.

MASSA: Tenho que tentar/ tenho que tentar.

VIAJANTE: Mesmo que os vermes comam minhas entranhas.

MASSA: Tenho que tentar/ tenho que tentar.

VIAJANTE: Mesmo depois de morto, não encontro paz.

MASSA: Tenho que tentar/ tenho que tentar.

VIAJANTE: Mesmo que minha mensagem seja estranha.

MASSA: Tenho que tentar/ tenho que tentar.

VIAJANTE: Mesmo que digam que eu não sou capaz.

MASSA: Tenho que tentar/ tenho que tentar.

VIAJANTE: O sonho se realizará.

SERPENTE: Não passa de mais um mortal faminto por vida/ abandonado ao mundo para sentir fome/ Fome de poder/ fome de ter/ fome de viver/ fome de ser. Um bebê peregrino/ com desejos que te consomem/ Nada no outro mundo há de te satisfazer.

VIAJANTE: E se eu te dissesse que a vida é um mistério profundo/ E no fundo deste mar de tormentas/ o sol não nos abraça/ Produzimos nossa própria luz/ para iluminar nosso caminho/ Encontramo-nos cada vez mais em trevas/ precisávamos cada vez de mais luz/ E a fonte se esgotou/ A fome que sinto não é nada/ além do desejo de um mundo melhor/ E se eu te dissesse que abriria mão de quem sou hoje/ para que o amanhã seja de outra cor/ além de sofrimento e incertezas?/ Ir em direção ao sol/ pisar em terra firme/ e não mais se afogar em angústia/ Essa é minha utopia.

SERPENTE: Então eu lhe diria onde você se encontra/ Onde os brinquedos de Deus são descartados/ Nada pode fazer para ir contra/ seu destino já foi traçado/ Todas as escolhas se resumem a uma/ se algum dia ele irá ou não voltar/ Nossos laços com o criador foram cortados/ quando começamos a pensar/ Agora vemos no mundo uma doença/ que não se tem como curar.

VIAJANTE: Fomos asfixiados por dúvidas/ mas aprendemos a respirar/ Como é possível nosso pecado/ ter sido simplesmente pensar?/ Serpente do mal/ nunca irei te convencer/ mas minha missão é tentar.

SERPENTE: Oh, Viajante/ Não posso te impedir/ seu destino é ir/ apenas ir/ O caminho da serpente não te envenenou/ Pelo visto seu destino me superou/ Todos os caminhos levam à danação/ se quer tanta liberdade/ lhe entregarei olho da tempestade!

MASSA: Onde os ventos sopram/ e tudo pode mudar/ Onde você escolhe o que quer se tornar/ Torna-se, entorna-se e tornado.

HOMEM DE BRANCO (*fora de cena*): Eternamente em berço esplêndido, está o olho da tempestade. Repousando junto com a serpente da mudança, esperando por alguém que tenha inabalável esperança. O Viajante enfrentou a realidade, nem a morte o pôde parar. De seu despertar as certezas se foram, mas ele continua a tentar. E lá estavam as respostas, respostas que ele não pode contar.

SERPENTE: O olho da tempestade você fez por merecer/ agora escolha/ o que deseja ser?

VIAJANTE: Não quero ser o que eu não sou/ Me tornar outro além de mim/ Não quero saber para onde vou/ Quero apenas ir/ Quero abrir meus próprios olhos/ não os olhos de quem me ouvir/ Este poder pertence a todos/ poder se libertar do destino/ aqueles que duvidaram de mim eram tolos/ cada um terá agora seu caminho/ Nossas escolhas não mais dependerão/ daqueles que nos manipulam por trás de telas/ nosso futuro não será veneno e destruição/ será feito de coisas belas.

SERPENTE: *(com o olho da tempestade em mãos, ergue até seus olhos, a Massa se levanta e gira ao redor)* Se assim deseja/ Assim será/ Mas saiba/ que deste caminho/ não há como voltar. *(Retira as vendas dos olhos do Viajante e sai, junto com a Massa)*

Ato Três - Na porta do céu

Cena única - Nona Sinfonia

O Viajante tudo vê, olha para todos ali presentes, vai para onde estava o Homem de Branco, abre a mala, troca suas roupas, pega uma caneta, toca uma ópera, ele escreve no ar enquanto conduz com maestria a ópera da vida, a Massa vem lentamente em sua direção, uma a uma caem. O Viajante sai deixando para trás a mala. Um novo prematuro solta seu primeiro suspiro em meio à massa. Dessa vez uma mulher. Som do silêncio.

Submetido em: 16 set. 2021

Aprovado em: 12 nov. 2021